

“No Brasil, o alimento é considerado supérfluo”

Para especialista, isso explica o fato de a indústria não ter uma política de longo prazo nem segurança jurídica

Acompanhando o ritmo do agronegócio em geral, a indústria de alimentos vai fechar o ano com saldo positivo. O crescimento ficou entre 1,1% e 1,4%. Presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA) desde 1986, Edmundo Klotz diz que o setor continua competitivo e manterá um bom desempenho no ano que vem, apesar das perspectivas macroeconômicas de PIB negativo. Nesta entrevista, ele aponta para a importância da rastreabilidade dos produtos na penetração do mercado internacional e como os resultados do setor poderiam ser superados se houvesse uma melhor política para os alimentos.

Como a indústria alimentícia está encerrando 2015?

Somos um dos poucos setores que ainda continuam competitivos. A crise econômica atinge todos os setores, inclusive o de alimentos, por isso esperamos encerrar o ano com crescimento de vendas reais entre 1,1% e 1,4%. Já em 2016, o percentual pode variar entre 0,9% e 1,3%. Esses dados mostram que o setor continua competitivo, tendo em vista que o PIB nacional projeta encerrar 2015 com saldo negativo de 3% e queda de 2% no próximo ano.

De que forma a crise impactou o setor?

O desemprego e o endividamento da renda das famílias fazem com que o consumidor esteja mais seletivo na hora de ir às compras, preferindo os alimentos básicos e de primeira necessidade, como arroz e feijão. Cerca de 20% de toda a produção de alimentos hoje vão para a exportação. O cenário econômico internacional também influencia no desempenho, com a queda da demanda mundial e o recuo do preço da cotação no mercado.

Qual é a posição do setor no panorama internacional?

ma internacional?

Mantemos a posição de segundo maior exportador de alimentos em volume, ficando atrás apenas dos EUA, e de quinto exportador em valor. Em 2015, a balança comercial deve encerrar com aproximadamente US\$ 42,6 bilhões. O País gasta US\$ 5,1 bilhões com importações, resultando em um saldo positivo de US\$ 37,5 bilhões.

Quais são as expectativas para 2016?

No próximo ano, as exportações devem continuar crescendo, podendo atingir US\$ 48 bilhões. Mas esses números referem-se apenas aos itens com valor agregado, ou seja, produtos que sofreram algum tipo de beneficiamento. A soja pura, por exemplo, é uma commodity, enquanto o óleo, um item com valor agregado. Hoje, cerca de 58% de toda a produção agrícola têm de alguma maneira valor agregado. Se compararmos as nossas exportações em termos de dólar, as de valor agregado foram sempre maiores do que o total de vendas de commodities.

O perfil do consumidor mudou?

Há uma grande tendência hoje de se fazer conhecer tudo que existe dentro de um produto. Cada vez mais as empresas se preocupam em informar ao consumidor, de forma transparente, sobre a origem do alimento. Normalmente, as indústrias da alimentação possuem laboratórios próprios para testar as matérias-primas dos fornecedores, a fim de verificar sua qualidade e segurança, antes de colocar o produto no mercado. Algumas empresas adotam um selo de identificação para demonstrar que o alimento passou por um processo de controle desde a sua origem, mas isso é opcional de cada indústria. É comum ainda a prática de intensificar o relacionamento e muitas vezes a capacitação de toda cadeia de fornecimento,

assegurando acesso a insumos de qualidade segura.

Como isso é feito?

Quando a indústria alimentícia é uma multinacional, geralmente possui um plano industrial que é desenvolvido pela matriz, devendo ser seguido pelas demais unidades em outros países. A maioria das empresas investe em boas práticas de produção e certificações de qualidade. Criam selos de identificação de produtos que permitem saber desde como um boi, por exemplo, foi alimentado até como foi abatido e embalado. Como resultado dessa preocupação da indústria da alimentação, há muito tempo não há caso de contaminação de alimentos – pelo menos nos últimos cinco anos.

O que mais preocupa o setor?

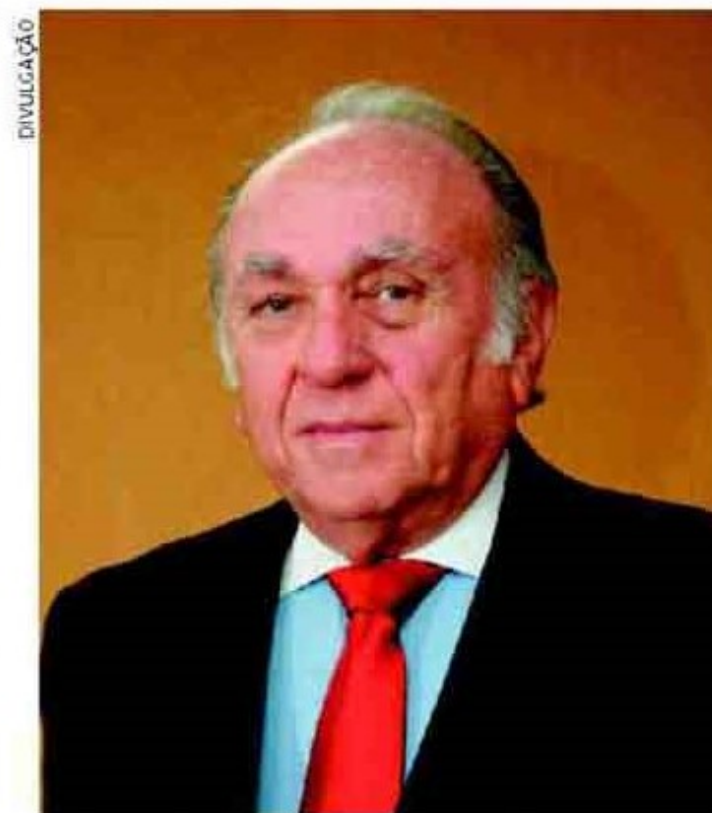
Precisamos de um pouco de estabilidade e também de um ambiente de segurança jurídica e política, coisa que não temos. Todo dia temos algum tipo de impedimento. Esse cenário de incerteza está coibindo investimentos. E, estes, não podem ser deixados de lado. Existe um crescimento natural da população que faz com que a indústria tenha de crescer no mínimo de 1% a 2% ao ano para acompanhá-la.

Como contornar isso?

Precisamos que o governo faça todo esforço possível para selar acordos com novos mercados e ampliar acordos comerciais com outros países, principalmente com a Europa. Recentemente, fomos favorecidos pelo aumento do dólar, que nos tornou mais competitivos, mas nosso mercado não está tão aberto. Por exemplo, o Brasil ficou fora do recente Tratado Transpacífico, acordo comercial entre os países que possuem costa no Oceano Pacífico, incluindo EUA e Japão. Essas nações representam 40% da produção mundial. Temos que valorizar nossos produtos. Entre as commodities, existe uma queda de preço motivada por falta de consumo e excesso de oferta. Consequentemente, grandes compradores como China e Índia não têm nos procurado.

E no mercado interno?

Para aumentar a competitividade no mer-



Edmundo Klotz: “Somos um dos poucos setores que ainda são competitivos”

cado interno, um ponto a ser trabalhado é a melhoria da infraestrutura logística para diminuir os custos embutidos no preço final do produto. Somos extremamente onerados por esses empecilhos. Não se ganha valor apenas aumentando a produção, mas diminuindo custos. Além disso, o Brasil possui a maior taxa mundial de tributos sobre alimentos, com cerca de 30%, enquanto outros países têm aproximadamente 8%.

O que explica essa maior tributação?

O Brasil é um país em que alimento é considerado um produto supérfluo e não necessidade básica. É que nunca tivemos guerra, nunca passamos necessidade, nunca estivemos envolvidos em algum holocausto que nós desse a verdadeira dimensão da fome. Em países europeus, houve racionamento, os campos tiveram de ser recuperados após diversas batalhas. Mas, em todo mundo, o alimento é a primeira necessidade básica e a única que não tem substituto.

Falta uma melhor política de longo prazo?

Aqui no Brasil ninguém sabe o que é política de longo prazo. Tem empecilhos às vezes intransponíveis que são criados no próprio País. Nesse momento, ninguém está planejando nada. Estamos todos observando o que vai acontecer, para onde vai o Brasil. Todos em suspense até que o governo – e o País – reencontre seu caminho.